

Críticas à teologia dualista

Criticisms of dualistic theology

Gustavo Vargas de Oliveira¹

Resumo: O cristianismo desde o seu nascimento carrega em seu seio uma presença platônica muito grande do dualismo como estrutura teológica. Esta estrutura foi usada como alicerce, que serviu como fundamento para uma grande tradição teológica muito viva e presente no cristianismo, que se conservou e se preservou desde o nascimento da fé cristã até os dias de hoje. É com o objetivo de discernir esta ideia, que este artigo se presta a observar as consequências e os desdobramentos gerados por este na vida cristã ao longo dos séculos, e com isso, buscar um meio de reformular o modo de pensar cristão, expulsando qualquer rastro dualista da teologia, e usando como referência uma teologia formada por críticos que levam em consideração o fator integral e visceral da fé cristã, que não menospreza nada terreno em nome de uma realidade metafísica.

Palavras chaves: Cristianismo, dualismo platônico, crítica

Abstract: Since his arise, Christianity bring in it a presence of a platonic dualism as a theological structure. This structure used as a cornerstone, that served as a fundament for a big theological tradition very alive and present in Christianity, that was conserved and preserved since the birth of Cristian's faith until our days. With an objective of discern this thought, that this article leads itself to observe the consequences and unfolding generated for this in a Crist's life over the centuries, and with this, se arch a way of reformulate a Cristian's way of thought, ejecting any trail of a theology dualism, and using as a reference one theology formed by critics who brings in consideration the integral fact and visceral of Cristian's faith,

Artigo recebido em: 06 out. 2017

Aprovado em: 18 dez. 2017

¹Mestrando em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória -ES (FUV), Bacharel em Teologia pela mesma

and who do not despise anything earthly in a name of a metaphysical reality.

Keywords: Cristinity, Platonic dualism, critic

Introdução

O cristianismo é uma religião muito plural, que possui várias vertentes de pensamentos que compõe a sua multiplicidade de crenças por partes dos grupos. O que explica esse fenômeno no movimento cristão, é o fato de este ser uma religião muito influenciada por muitos povos e culturas, uma delas é o platonismo. O platonismo foi uma cultura que possuía forte presença no mundo antigo em que foi gerado o pensamento, e isto facilitou o diálogo entre ambos os pensamentos, cristão e platônico. Por causa deste diálogo, houve uma apropriação do pensamento platônico por parte do cristianismo, e isto o ajudou se inserir no mundo, e ser conhecido por este, como afirma através de um exemplo citado por ChistopherStead:

No *Timeu*, um de seus diálogos de maior influência, Platão apresenta um quadro imaginativo da ordem do universo. Este foi feito, diz ele, por um Artista, ou Artífice divino (demiourgos), seguindo o modelo de perfeição estabelecido no mundo das Formas. Os cristãos chegaram a dar especial importância a essa obra, vendo nela uma confirmação do Gênesis².

Este é um exemplo de uma das implicações surgidas por este diálogo que favoreceu o cristianismo a dialogar com a cultura da época, e a identificar nesta uma possível presença divina. No entanto, nem tudo o que foi aproveitado da cultura da platônica favoreceu de certa forma a reflexão cristã e a inserção desta no mundo. Um exemplo disso é o dualismo platônico absorvido pela cultura cristã em gestação da época. Este, trouxe sérias consequências para o cristianismo, e o comprometeu seriamente. É com o objetivo de analisar essa influência, que iremos discernir a luz de uma crítica teológica essa presença platônica no cristianismo, buscando apontar novos caminhos e fomentar novas ideias e mudanças na vida do pensamento cristão.

1. O que é o dualismo platônico?

²STEAD, Chistopher. *A filosofia na antiguidade cristã*. São Paulo :Paulus,1999. p. 34.

O dualismo platônico é um assunto muito relevante que circula de modo muito claro em ambientes eclesiais, filosóficos e na cultura de modo geral, mas muitas vezes de modo indireto e discreto. O dualismo é fruto de uma visão dicotômica do homem, visão esta oriunda da Índia e da Pérsia³, lugares estes que serviram como berço para o desenvolvimento do pensamento dualista. Por conta disso, o dualismo ajudou no desenvolvimento de outras culturas devido à sua relevância, pois ele é uma perspectiva de realidade muito marcante na história por diversos motivos, dentre eles por ser uma reflexão platônica de cunho filosófico muito precioso como exemplo de reflexão e exposição racional de assuntos concernentes à vida e a verdade. Sendo assim, o dualismo promoveu um grande arsenal teórico para se pensar assuntos que para a filosofia são fundamentais e imprescindíveis, como também para toda reflexão que pretende possuir categorias de pensamentos filosóficos.

Sendo assim, cabe-nos responder a perguntar que questiona que é o dualismo platônico. Segundo o J. Ferramater Mora, o conceito de dualismo foi empregada para simbolizar várias coisas em períodos diferentes e por filósofos diferentes, todavia, a expressão dualismo teve como significado principal a pretensão de expressar uma forma de pensamento que continha duas realidades opostas em si: "Denomina-se dualista, sobretudo toda doutrina metafísica que supõe a existência de dois princípios ou realidades diferentes irreduzíveis entre si e não-subordináveis, que servem para a explicação do universo".⁴

Percebemos que é próprio do dualismo a característica de interpretar seu mundo de forma desigual qualitativamente. As duas realidades tratadas pela forma dualista se contradizem em seu valor, pois uma é superior a outra. Para entendermos como essa forma dualista se expressa no pensamento de Platão é necessário como afirma Wanderley Rosa, identificarmos qual é a diferença que existe entre *idéia* e *coisa*.⁵

As coisas pertencem ao mundo sensível, caracterizado como mutável, temporal, caduco, descambando facilmente para o ilusório. Já as idéias pertencem a um outro mundo, o da

³ ROSA, Wanderley, *O dualismo na Teologia Cristã: a deformação da antropologia bíblica e suas consequências*. São Paulo: Fonte Editorial, 2010. p. 21

⁴ MORA, José, Ferramater. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: LOYOLA, 2000. p. 773.

⁵ ROSA, 2010. p. 21.

realidade divina, eterna e imutável. A verdadeira realidade encontra-se unicamente além das aparências sensíveis, no mundo das idéias. As coisas do mundo material não passam de cópias muito imperfeitas deste mundo real. (...) Os dois mundos estão presentes no homem: na alma (no mundo das idéias) e no corpo (mundo das coisas). O corpo como coisa que é, participa imperfeitamente de uma idéia, enquanto que a alma pertence ao mundo eterno e divino das idéias.⁶

Podemos perceber na distinção entre ideia e coisa, o dualismo existente em seu pensamento. É assim que o dualismo se configura em seu pensamento quando trata aquilo que é própria *ideia* superior aquilo que pertence a categoria de *coisa*, e, é ao interpretar essa relação de forma preferencial uma a outra, que se percebe a forma mais consistente do dualismo. A imagem mais conhecida do dualismo em Platão é expressa nessa relação que acontece entre essas duas realidades chamadas por ele como *ideia* e *coisa*, e, entendermos essa relação é imprescindível para compreendermos o pensamento platônico em seus mais profundos graus, conclusões e desdobramentos.

Ao adotarmos essa medida para lermos não só o pensamento dualista, mas também as atitudes de um pensador dualista frente a vida, conseguiremos perceber o que é próprio de um filósofo e como este dirige sua vida. Porquanto, para o filósofo dualista não é possível separar as duas coisas, não há como separar aquilo que eu penso da forma como eu ajo, a relação que eu considero pertencente da categoria das *ideias* daquilo que eu considero pertencente da categoria das *coisas*. Por isso, o conhecimento destas duas categorias vem dependendo de como o filósofo se comporta diante dessa realidade que é dualista e diferente qualitativamente. Em razão disso, o comportamento e o conhecimento para o filósofo dualista é algo inseparável, porque um depende do outro.

O filósofo é aquele que busca pelo ideal, por aquilo que é a essência de toda verdade, aonde todo conhecimento puro e verdadeiro se encontra, conhecimento este que só é acessado pelo filósofo devido este ser aquele que se preocupa em conhecer as coisas pertencentes ao mundo das ideias. Mundo este onde habita todo conhecimento legítimo. É importante sabermos que o conhecimento que o filósofo (segundo o pensamento de Platão) busca não está nas coisas materiais dessa terra, mas nas coisas transcendentais e

⁶ROSA, 2010.p. 21.

metafísicas que cabe ao filósofo descobrir e discernir através da alma/pensamento.

O filósofo chega a esse conhecimento se abstendo daquilo que o impede a transcender essa realidade material/terrena na qual ele se encontra preso, sua intenção é se apartar de tudo aquilo que o liga a matéria, e, sobretudo com o corpo. Para o filósofo, o corpo é um tipo de cárcere na qual a alma está presa e limitada, o corpo é aquilo que a atrapalha a voltar para onde ela veio. Por isso, o corpo e todos os seus sentidos, fazem com que a alma se afaste do conhecimento e da *verdade* pela qual ela (alma) anseia. Sendo assim, a única saída consiste em se abster dos prazeres gerados pelos sentidos do corpo, e a partir daí, dedicar a vida em busca do conhecimento verdadeiro alcançado apenas através do pensamento e da reflexão concernentes as coisas do mundo ideal⁷.

Diante de vários conceitos a respeito daquilo que é a verdade, Platão nos propõe algo bem próprio de seu pensamento e bem coerente com este, conceito este que também assim como os outros, foi muito importante para a formação de várias culturas e de várias correntes filosóficas e religiosas que ainda carregam em sua matriz a ideia de verdade proposta por Platão. Segundo este, a verdade é a realidade de tudo o que existe no mundo das ideias, é tudo o que pertence a categoria da essência.

Para Platão, o que existe no mundo material é uma imitação do mundo ideal, que como imitação não revela por inteiro e nem claramente aquilo que verdadeiramente é. Já o mundo ideal possui e contém todo o conhecimento verdadeiro, e com isso toda verdade, tudo aquilo que é verdade de modo geral está no mundo ideal. Por isso, para entendermos a compreensão de verdade em Platão, é importante que saibamos primeiro o que é visão dualista de mundo, pois a verdade não se encontra no plano inferior/material, mas na esfera superior/ideal.

Esse pensamento pode ser aplicado a qualquer área do conhecimento humano, qualquer platônico ao perguntar pela verdade, simultaneamente transfere esta para uma dimensão metafísica, a uma realidade plena e essencial de onde procede toda alma, todo conhecimento e toda forma de pensamento legítimo que não engana e nem ilude, como fazem os sentidos do corpo e as distrações das coisas do mundo. Podemos definir a verdade em Platão como aquilo que é sempre encontrado no mundo metafísico, transcendente⁸. Compreender este pensamento é essencial para discernimos como o cristianismo se apropriou desta

⁷ PLATÃO, 1987.p. 64.

⁸ PLATÃO, 1987, p. 68.

estrutura platônica em seu pensamento, e como isso transformou todo o seu pensar a luz platônica das categorias de definição de mundo, conhecimento, comportamento, entre outros.

O dualismo platônico foi fortemente impactante na vida da fé cristã de forma negativa. Este a marcou de forma precisa e duradoura, pois o fruto desta influência ainda é presente até os dias de hoje em nossa teologia e em nossa sociedade, de tal forma que muitas vezes os cristãos que assim pensam influenciados por esta forma platônica, nem sequer sabem as origens desse pensamento tido por estes como próprio do evangelho. A construção histórica e o enraizamento do platonismo no seio cristão se tornou tão comum a ponto de não saberem os que assim pensam, que só pensam assim por terem influências platônicas.

2. As consequências do dualismo platônico presente na teologia cristã

O pensamento foi “convertido” a uma forma cristã, isto é, o cristianismo releu sua fé e ação a luz do dualismo. De forma parecida com as categorias platônicas, ele deixou essas características assumirem aparência cristã, de modo que todo esse pensamento cristão passou a se estruturar debaixo de uma estrutura dualista, que sustenta toda a concepção de pensamento platônico, e que conseqüentemente passou a sustentar toda a estrutura de pensamento cristão. Assim, o papel do cristão se converteu na mesma ideia do papel do filósofo para Platão, e o que é considerado verdade para o cristianismo se tornou a mesma verdade de Platão, ou melhor, que ambos consistem em um lugar ideal, tanto o papel do filósofo (como aquele que descobre as verdades do mundo das ideias) como a verdade (aquilo que se encontra no mundo das ideias) foram convertidas para uma ótica dualista cristã, sobre a qual se formou boa parte da teologia cristã.

Uma das primeiras marcas mais claras do pensamento platônico se encontra nos escritos do periópatristico. Este período foi muito determinante para a entrada do pensamento platônico na teologia cristã, pois dele derivam-se vários pensadores cristãos muito preciosos e importantes para a tradição cristã, como é o exemplo de Santo Agostinho. Agostinho foi um pensador muito valioso devido aos seus serviços prestados como teólogo e filósofo que proporcionou uma grande plataforma de pensamento, dando condições para a construção de vários outros pensamentos cristãos, embora ele tenha feito isso sustentado por uma visão de mundo dualista herdada do pensamento platônico. Como sublinha Spidlík:

No período da patrística, o dualismo antropológico de origem platônica é facilmente diagnosticado⁹.

Como consequência dessa influência surtiram vários efeitos na vida da igreja, que fizeram com que ela mudasse seu pensamento em relação a várias coisas, como por exemplo, a respeito do corpo, da "carne" material que constitui o homem. A teologia passou assim como o platonismo a olhar a carne não de forma otimista e bem vista, mas de forma inferior e desprezível. O corpo era visto assim como no platonismo de forma maléfica e contrária a toda pureza do Belo e da verdade. Sendo assim, ficou sublinhado no pensamento cristão a mesma indiferença e hostilidade para com o corpo humano que o platonismo carregava, lembrando assim mais uma vez uma visão de mundo totalmente dualista e dicotômica, por isso novamente Spidlík afirma:

...as máximas desse período relativas ao corpo comprovam: "O corpo é uma prisão, um tumulto (é preciso) arrancar a alma das "cadeias da carne", do laço com um cadáver. A carne é como um lado em que a alma não pode deixar de manchar-se e degradar-se¹⁰.

Diante desta perspectiva surgiram vários outros desdobramentos de pensamentos que também formaram a opinião cristã a respeito do corpo em seus mais diversos aspectos e que foi também muito presente na vida do pensamento cristão.

Mas o dualismo não só afetou a visão cristã em relação ao corpo, como também em relação a cultura e a natureza. Tudo aquilo que pertence a ordem material foi desconsiderado pelo cristianismo também. Ao invés de assumir uma reverência pela criação de Deus e do homem (cultura), o cristianismo assumiu uma depreciação e uma desconsideração por aquilo que pertence supostamente a ordem da *existência*, em preferência a aquilo que se encontra na ordem da *essência*. Aquilo que *existe* é tratado com indiferença com o propósito de alcançar aquilo que *é*, assim, toda existência "caída" deve ser tratada com indiferença para que aquilo que caiu (alma), possa encontrar a sua verdadeira natureza e o seu verdadeiro lugar na realidade perfeita. Pois como já sabemos, no pensamento platônico a verdade se encontra em uma realidade invisível (imaterial, metafísica, imutável, da essência) e não na realidade visível (material, física, mutável, existente). Isto favoreceu e fez com

⁹ SPIDLÍK, T. *Corpo*. In: BARADINO, Angelo Di (Org.) *Dicionário patrístico e de antiguidade cristãs*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 345-346.

¹⁰ SPIDLÍK, 2002, p. 345-346

que com se sedimenta-se uma forte despreocupação ecológica, pois, a natureza pertence à ordem material e isso faz com que ela seja tratada como inferior. E desta lógica surgiu uma falta de interesse pelas questões ambientais e naturais, como declara Júlio Zabatiero:

A essa cosmovisão dualista também pertencem outras características importantes para a teologia. Uma delas é a do dualismo entre natureza e cultura, ou seja, a afirmação de que a natureza (plantas, animais e minerais) é inferior ao ser humano, pois não possui a substância imaterial; enquanto a cultura - que é fruto da ação humana - é a dimensão espiritual da realidade e, portanto superior a natureza (falta de consciência ecológica é fruto desse tipo de dualismo).¹¹

Como podemos perceber, o pensamento platônico fez com que muitas concepções fossem reinterpretadas segundo suas categorias de pensamentos. Isto gerou um grande transtorno e prejuízo para a teologia cristã em meio a história de modo muito significativo, pois este pensamento dualista não ficou apenas contido nos tratados teológicos mas transcendeu a estes repercutindo na vida das pessoas de modo negativo, anti-ético, opressivo e conseqüentemente por isso se afastando de todo projeto de vida deixado pelas mãos de Cristo. Portanto, vemos esse tipo de pensamento causar danos de modo geral não só na cultura da época, mas também na formação de outras e encontro de culturas diferentes como relata Wanderley Rosa:

A teologia cristã-platônica que tendeu ao menosprezo do corpo e privilegiou uma proposta de espiritualidade desencarnada, idealista, etérea e gnóstica desembocou em moralismo, em busca deliberada pelo martírio, em demonização do sexo e da sexualidade, em condenação de toda sorte de prazeres, em desenvolvimento de uma culpa endêmica na cultura ocidental, serviu de referência teórica para a defesa da "guerra justa", da violência física contra as vozes dissonantes dentro da igreja sustentou o genocídio perpetrado pelas Cruzadas, o horror dos instrumentos de tortura dos tribunais inquisitórios e suas fogueiras que matavam o corpo para salvar a alma, serviu de suporte para a quase aniquilação dos povos ameríndios, a famigerada

¹¹ ZABATIERO, Júlio P.T. et alii. *Teologia sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 2006, cap. 2. p.56.

escravização dos povos africanos, a arrogante colonização européia em varias partes do mundo¹².

Percebe-se uma grande influência dualista cristã que vai muito além em suas mais variadas aparências e consequências. Vemos, que o cristianismo exacerba e leva às últimas consequências a lógica dualista, até mais além do que o próprio Platão, que ao contrário dos cristãos, não matou ninguém em nome de uma perspectiva dualista. Com isso, podemos concluir que o platonismo de forma negativa influenciou o cristianismo, levando-o a contradizer sua ética de valorização do amor acima de todas as coisas imateriais e invisíveis que possam existir.

3. Críticas a teologia dualista

Essa visão dualista conseguiu provocar sérios danos à noção cristã da realidade, da forma como viver a fé em diálogo com Deus, com o chamado cristão ao serviço *no* mundo e *para* o mundo, de forma que este se torne o principal alvo do amor e da misericórdia cristã inflamada pela bondade para o serviço e vivência da fé.

No entanto, nota-se de forma mais resumido, que o dualismo presente na teologia cristã influenciou-a negativamente de duas formas marcantes. A primeira tem a ver com o dualismo em relação ao corpo e a alma. A segunda perversão dualista da verdade cristã, tem a ver com a realidade espiritual transcende e o meio ambiente. De modo mais nítido, as principais consequências geradas pelo dualismo interferem na teologia, agredindo brutalmente essas duas realidades que dizem respeito ao corpo e ao meio ambiente.

O pensamento platônico possui conceitos a respeito da realidade, do filósofo e da verdade que foram cooptados pela fé cristã, porém, de modo velado e transformado em sua superfície, mas bem estruturado pela lógica platônica em suas bases. Como todo o pensamento platônico é pensado a partir da lógica *dualista*, assim também toda a construção posterior a respeito da formação da realidade também o é produzido por essa lógica. Assim, toda intenção e objetivo do *filósofo* (no caso, cristão) será o de encontrar a plena imagem dessa realidade superior onde se encontra a *verdade* (céu, Deus) e se reportar a ela ignorando todo o restante alienado e inferior a esta (corpo, natureza).

Portanto, com base nisso podemos destacar o engano cristão ao enxergar a realidade desta forma, a começar pelo modo deste enxergar o corpo. O corpo, segundo a verdadeira ideia cristã, não é

¹² ROSA, 2010. p.186.

algo ruim ligado a alma que traz danos e afastamentos da verdade, ele não é aquilo que nos impede de alcançar a verdade, o conhecimento do Belo, da plenitude, do mistério ou do ideal, nem mesmo aquilo que turva os olhos do espírito atrapalhando-o de enxergar o lugar de onde veio e para onde ele deve ir. O corpo também não é a âncora que prende o espírito e que o impede de prosseguir rumo ao seu lar de onde este caiu e quer voltar como afirma o platonismo, este é o que nos compõe, pois:

O antigo testamento compreende o ser humano "holisticamente" e não faz divisões entre corpo mortal e alma imortal, ou entre corpo e espírito... dentro de uma visão integrativa, os textos bíblicos apresentam o ser humano sempre como unidade indivisível.¹³

A antropologia cristã, por ser formada a partir de raízes judaicas, é contrária à antropologia platônica que deprecia o corpo por conta do valor da alma. O cristianismo não deve aceitar esse entendimento em relação ao corpo, porque segundo o evangelho, o corpo é parte inerente e constituinte da figura do ser humano. O corpo não é um membro dissociável da alma, mas é aquilo que participa da formação integral do ser humano. Nas palavras de Leonardo Boff: "O homem é fundamentalmente um composto de duas substâncias em si incompletas: corpo e alma".¹⁴ Percebe-se que o homem não é dividido por partes e nem subsiste por partes, porque ele em si é composto por duas partes essenciais e imprescindíveis que juntas formam o ser humano e dá a este a identidade humana que só pode ser adquirida através do casamento entre alma e corpo, sendo cada um tão importante quanto o outro, justamente por representar uma unidade físico-espiritual¹⁵, por ser o corpo o seu próprio absoluto.¹⁶

Assim, deve-se novamente reler a forma de tratamento recebido pelo corpo conforme o valor dele. Por muito tempo a teologia o interpretou como depósito provisório da alma, o corpo foi tratado e ainda é, como algo que possui prazo de validade e duração

¹³ALBANO. 2013. p.76.

¹⁴BOFF, Leonardo. *A Ressurreição de Cristo A nossa Ressurreição na Morte*: a dimensão antropológica da esperança cristã. 2 ed. Petrópolis, Vozes, 1972, p.67.

¹⁵MOLTMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo – Cristologia em dimensões messiânicas*. São Paulo: Academia Cristã. 2009, p. 369.

¹⁶ALVES, Rubem. *Religião e repressão*. São Paulo: Edições Loyola, 2005. p. 218.

limitada, por isso descartável. Ele foi considerado como um meio necessário para a realização de um fim maior que consiste na preservação plena da alma que ele carregava, ele foi tido como objeto que carregava o bem maior destinado a salvação, e por isso sua preservação era condicionada ao estado dessa alma. Ele, foi visto de modo irrelevante quando já possuía em si uma alma redimida destinada a vida eterna, pois não precisava de mais nada porque o fim principal da vida estava ligado a salvação da alma, e não na busca da vida plena que consistia também na preservação do corpo. Por isso, para a salvação da alma muitas vezes o corpo foi denegrido e machucado, para que por causa disso a alma pudesse se converter e ser salva. Devido a essa má ideia relacionada ao tratamento do corpo, devemos reformular/retornar novamente a uma ética que não o coloque em estado intermediário em relação à um fim previsto, mas em um estado incondicional que o torne digno de cuidado e preservação acima de tudo, como bem afirmou D. Bonhoeffer:

A vida física, que recebemos sem concurso nosso, traz em si o direito a preservação. Não é um direito roubado ou conquistado por nós, mas um direito que, em sentido próprio, "nasceu conosco", direito recebido, portanto, cuja existência é anterior à nossa vontade, que repousa sobre o próprio ente. Como, de acordo com a vontade de Deus, vida humana só existe na terra como vida física, o corpo tem o direito à preservação em função do ser humano todo.¹⁷

Portanto, vemos que uma nova análise da posição do corpo em relação a prioridade de direito de tratamento deve ser mudado, ele não deve ser tratado como algo importante mas como algo imprescindível, como componente insubstituível para a existência de vida humana. Ele não é um meio que produz vida, mas é o fruto da vida, a manifestação desta em seu pleno estado, e por conta disso, é importante que dos direitos da vida física faça parte não só sua preservação como um meio para um fim, mas também como um fim em si mesmo.¹⁸

Além de pensarmos um novo modo de lidar com a antropologia humana, nós devemos refletir a respeito da posição desta em seu devido lugar no mundo, na vida, pois não basta apenas repensar o corpo se continuarmos pensando que o lugar do corpo e do ser humano não é nesse mundo, mas no mundo ideal,

¹⁷BONHOEFFER, Dietrich. *Ética*. 6ªed. São Leopoldo: Sinodal. 1985,p.89.

¹⁸BONHOEFFER, 1985. p.90.

BONHOEFFER. Dietrich. *Ética*. 6^oed. São Leopoldo: Sinodal. 1985, espiritual. O pensamento cristão que resolve o problema da antropologia deve também buscar resolver a questão da posição do homem no mundo, para que o homem seja valorizado em sua integralidade, em constante relação com a Terra, mundo material/físico.

O dualismo faz o cristão enxergar o seu posicionamento no mundo de forma sempre depreciativa. Esse modo de pensar faz com que o cristão busque cada vez mais se abster dos prazeres e da matéria presente no mundo para se juntar a realidade essencial existente que comporta aquilo que para eles é o que realmente importa. No caso, esse algo se chama Deus, verdade, ou mundo espiritual. O homem por conta disso se aliena daquilo que é próprio do seu ser para querer se tornar algo que, segundo ele constitui o que ele realmente é, segundo ele, espírito. Por conta disso, o mundo passa a ser depreciado e ignorado por ele, por não ser considerado o lugar onde deveríamos estar, mas o lugar de perigo que ameaça a alma. Por pensar assim, abandonamos o verdadeiro lugar que nos foi ordenado a estar, o lugar onde Deus nos colocou e nos firmou segundo aquilo que realmente somos, por conta do que realmente somos, a junção de matéria (corpo) e alma (espírito). A respeito disso Ed René Kívitz afirma:

Estamos indo contra a corrente divina quando tentamos deixar de ser gente e tentamos ser seres espiritualizados-etéreos. Ser gente vale mais que ser anjo... fomos criados para viver na atmosfera, não na "espiritosfera". Quando fazemos pouco caso da nossa condição humana, desperdiçamos a melhor parte da criação de Deus.¹⁹

Também explicando esse pensamento, Jean Grondin afirma que de acordo com esse pensamento, o ser humano deve aspirar a despir-se do elemento corporal que o arrasta "para baixo". Ele deve inclinar-se para a realidade superior e torna-se, na medida do possível "semelhante ao divino".²⁰

Por conta disso, ignoramos o verdadeiro propósito de Deus que nos fez para habitar e desfrutar das coisas dessa terra, pois nós não nascemos conforme os anjos para habitar outras dimensões, mas nascemos como humanos para habitar a dimensão

¹⁹KÍVITZ, Ed René. *O livro mais mal-humorado da Bíblia: A acidez da vida e a sabedoria do Eclesiastes*. São Paulo: Mundo Cristão, 2009, p.202.

²⁰GRONDIN, Jean. *Que saber sobre Filosofia da Religião*. Aparecida: Idéias& Letras, 2012.p.50.

“atmosférica” como bem disse Ed René Kívitz. Por sermos corpo e alma devemos nos voltar para o mundo e o lugar que é próprio e apropriado para o que nós somos, para o que nos alimenta e nos torna mais humanos, mais completos e íntegros segundo a nossa natureza, não para outras regiões alienadas da terra e da vida.

Por isso, não basta apenas afirmar o valor igualitário do corpo em relação a alma, mas reafirmar o lugar do homem no cosmo para que este não seja desprezado da realidade que o concebe, que o forma. De nada adiantará valorizar o corpo se não valorizarmos a terra, o mundo, que é o lugar onde o corpo está e no qual ele deve querer permanecer, pois se não valorizarmos o mundo, e situarmos o corpo no mundo como casa e lugar, iremos de forma indireta depreciá-lo ao sustentar a ideia de que devemos habitar as regiões “espiritoféricas”. Para fazermos isso deveríamos ignorar o valor da matéria e do corpo, conseqüentemente, o ignorando-o e o depreciando, mesmo de forma indireta como foi dito, levada às últimas conseqüências resultará em depreciação corpórea por conta desse propósito de se chegar a “espiritofera”.

Conseqüentemente, isto nos leva a refletir a respeito da outra forma que o dualismo nos levou a pensar, que tem a ver com a maneira que lidamos com a natureza. Com isto, quero dizer todo o meio ambiente, cosmo, matéria, criação. Essa forma dualista também remonta a forma de vermos a criação de modo depreciativo, inferior, desigual e banal com relação ao ideal. E para valorizarmos o que foi dito a respeito do corpo, também devemos valorizar a natureza por ser esta aquela que mantém a vida do corpo, do homem.

Para isto, devemos reformular a teologia da criação, trazendo valoração e sentido para tudo o que foi criado, pois a criação não é mero objeto cognoscível que deve ser conhecido para ser explorado e dominado. Também não é uma ilusão que nos prende e nos rebaixa, mas é criação de Deus, criação que revela o rosto do criador, a beleza deste, e sua glória (sl. 19). Conforme nos ensina a tradição judaica quando fala sobre a criação:

Quando enxergamos a natureza como oposta ao espírito, não nos preocupamos com ela, e deixamos de cuidá-la e, assim, descumprimos a vocação divina da humanidade (dominar a terra e cuidar dela Gn1 e 2). Para superar esse tipo de dualismo, precisamos renovar a nossa teologia da criação, para que esta encontre lugar na reflexão ética.²¹

²¹ZABATIERO, Júlio. *Para uma Teologia Pública*. 2ª ed. São Paulo: Fonte Editorial/Faculdade Unida, 2011.p.82-83.

Por conta disso, a criação se torna um espelho que reflete a glória de Deus para o mundo e o faz conhecido também por esta (Rm 1.18). Ela representa uma forma de conhecimento que nos ensina a respeito de Deus de forma bela, sem o uso de palavras ou de lógica, mas apenas pela forma de ser bela, apenas pela sua forma de ser, em seus mínimos detalhes, como afirma Rubem Alves: “Tudo o que vive é pulsação do sagrado. As aves dos céus, os lírios dos campos... até o mais insignificante grilo, no seu cricricri rítmico, é uma música do Grande Mistério”.²²

Devido a essa peculiaridade ela deve ser preservada da mesma forma como o corpo, pois o corpo juntamente com a alma constitui o homem, que foi feito a imagem e semelhança de Deus. Assim, criatura que reverbera o conhecimento de Deus, do mesmo modo é a criação. No entanto, esta não foi criada à imagem e semelhança de Deus, mas transmite a *sabedoria cósmica* conforme diz J. Moltmann:

A sabedoria cósmica fala aos homens. Os céus proclamam a justiça de Deus” (Sl 97,6). Todas juntas, tuas obras te louvarão” (Sl 145, 10). Isso significa que uma sabedoria de Deus reside em todas as coisas e suas relações, e o conhecimento delas torna os homens sábios. Os homens podem ouvir o encômio da comunidade da criação *e fazer coro com ele*²³. (**grifo meu**).

Assim, percebemos que a natureza preserva o seu valor devido ao conhecimento que ela transmite, proclama, e por conta desse caráter belo que ela possui, que é inerente a uma forma de sabedoria transmitida por Deus como diz J. Moltmann, é que devemos nos juntar a ela, como criação que faz coro em louvor a Deus, de forma harmônica, sem que nenhuma se sobreponha a outra de forma dualista, pois somos mordomos e cuidadores da natureza, obra de Deus e nossa sustentadora, como afirma Calvino:

Portanto devemos ter tal sentimento e afeto que nos leve a considerar a presente vida como um dom da benignidade divina, dom que não devemos repudiar. Porque mesmo que não houvesse testemunhas das escrituras, a própria natureza nos

²² ALVES, Rubem. *Perguntaram-me se acredito em Deus*. São Paulo: Editora do Brasil, 2007. p.55.

²³ MOLTSMANN. J. *Ciência e sabedoria*. São Paulo: Loyola, 2007. p.199.

exorta no sentido de que devemos render graças a Deus - porque nos criou e nos colocou neste mundo; porque nos sustenta e nos preserva nele; porque nos supre de tudo quando nos é necessário para a nossa subsistência na terra.²⁴

Outro aspecto importante que Calvino ressalta é em relação a nossa dependência para com a natureza, pois, só estamos nesse mundo devido às condições naturais fornecidas pela natureza que nos sustenta e nos preserva como seres humanos. Por conta disso, devemos manter uma boa relação com esta para que possamos preservar a nós mesmos como seres humanos que dependem do favor da natureza para continuar existindo, favor este que não pede nada em troca a não ser a preservação e o respeito que sustenta a vida. Assim, o homem deve estar sempre consciente que: "o homem não teceu a trama da vida; ele é meramente um de seus fios. Tudo o que fizer ao tecido fará a si mesmo".²⁵

Por último, outro motivo importante que nos leva a manter boas relações com a criação é pensado a partir da ideia de redenção cósmica trazida por Cristo através da ressurreição. Segundo esse pensamento, a natureza assim como a humanidade, fará também parte da nova criação, do novo céu e nova terra prometida escatologicamente e que está sendo construída no presente, como afirma J. Moltmann:

Se a dignidade intocável dos homens é fundamentada cristãmente com o fato de "Cristo ter morrido por eles", então isso também vale para a fundamentação da dignidade de todos os demais seres vivos, e com isso para a fundamentação do abrangente "respeito pela vida"²⁶.

De acordo J. Moltmann, podemos perceber que a mesma explicação que fundamenta o respeito pela vida humana também fundamenta o respeito pela vida como um todo, pois o mesmo que foi feito pelos homens também foi feito pela criação como um todo, pois Deus não salva apenas o homem, ele salva também toda biosfera²⁷ que o cerca, e é exatamente ela que completa o plano de redenção de Deus, como J. Moltmann afirma:

²⁴CALVINO, João. *As institutas da Religião Cristã*: edição especial com notas para estudo e pesquisa.vol.4, São Paulo: Cultura Cristã, 2006.p.214.

²⁵CORTELLA, Mario Sergio. *Não espere pelo epítáfio...Provocações Filosóficas*.ed.3 .Petropolis: Vozes ,2005.p.113.

²⁶ MOLTSMANN, 2009, p. 382.

²⁷ MOLTSMANN. *J. No fim, o início*.São Paulo: Loyola. 2007. p.56.

Por isso precisamos ampliar o quadro da esperançado futuro de Deus: Ressurreição dos mortos refere-se às pessoas humanas. Ressurreição da carne” tem em vista a natureza humana. Somente a ressurreição da natureza completa o horizonte de expectativa dessa esperança.²⁸

Portanto, podemos concluir por diversos motivos como foi apresentado, que a natureza deve ser preservada e cuidada independentemente de qualquer realidade transcendente que se apresente no pensamento cristão. O cuidado para com a natureza deve ser primordial e imprescindível aos olhos de todo cristão, de modo que a natureza venha ser transformada e preservada por toda teologia que se compromete com o chamado de Cristo à redenção cósmica da criação.

Conclusão

É inegável essa influência platônica no cristianismo em toda história do pensamento cristão como foi exposto pela pesquisa. No entanto, não queremos exaurir o tema e nem muito menos fechar outras possíveis colaborações. O propósito da pesquisa consiste em esclarecer essa marcante influência na teologia cristã, que de forma decepcionante colaborou para a formação do pensamento cristão, que permeou toda a história cristã das mais diversas formas.

Esta exposição nos ensina de maneira clara as consequências e os desdobramentos de um pensar cristão dualista. Este, deve ser reprovado e desconsiderado por qualquer pensador cristão que queira incorporá-lo em sua estrutura teológica, por diversos motivos éticos e teológicos como foi explicado no texto. A teologia dualista sempre esteve presente nos escritos cristãos e hoje em dia não é diferente. Apesar disso, é dever do teólogo em união com a comunidade de fé, desconstruir cada detalhe ilusório produzido pela visão dualista de mundo.

Quando o cristão corrigir esta falha em sua maneira de enxergar a teologia, este se vera livre da metafísica que o aliena de viver o convite de Deus, e assim aceitara vocação para viver o chamado encarnado de Deus nesta Terra e para esta Terra. Enquanto isso não acontece, é necessário fomentar a produção de uma teologia visceralmente corporal, encarnada e comprometida com as coisas desta Terra, desta vida. A vida corporal e ambiental

²⁸ MOLTSMANN, 2009, p. 385.

jamais deve ser tratada com indiferença, por isso, a teologia cristã deve amar o corpo e cuidar da Terra, porque tanto o corpo como a Terra, são alvos do amor e da proteção do Deus que encarnou e amou a Terra de corpo e alma.

Referências

ALVES, Rubem. *Perguntaram-me se acredito em Deus*. São Paulo: Editora do Brasil, 2007.

_____. *Religião e repressão*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

BOFF, Leonardo. *A Ressurreição de Cristo A nossa Ressurreição na Morte: a dimensão antropológica da esperança cristã*. 2 ed. Petrópolis, Vozes, 1972.

BONHOEFFER, Dietrich. *Ética*. 6ª ed. São Leopoldo: Sinodal. 1985.

CALVINO, João. *As institutas da Religião Cristã*: edição especial com notas para estudo e pesquisa. vol.4, São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

CORTELLA, Mario Sergio. *Não espere pelo epitáfio...Provocações Filosóficas*. ed.3. Petrópolis: Vozes, 2005.p.

GRONDIN, Jean. *Que saber sobre Filosofia da Religião*. Aparecida: Idéias& Letras, 2012

KÍVITZ, Ed René. *O livro mais mal-humorado da Bíblia: A acidez da vida e a sabedoria do Eclesiastes*. São Paulo: Mundo Cristão, 2009.

MOLTMANN, J. *Ciência e sabedoria*. São Paulo: Loyola, 2007.

_____. *No fim, o início*. São Paulo: Loyola. 2007.

_____. *O caminho de Jesus Cristo – Cristologia em dimensões messiânicas*. São Paulo: Academia Cristã. 2009.

MORA, José, Ferramater. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: LOYOLA, 2000.

PLATÃO, *Fédon*. In: *Diálogos*. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

ROSA, Wanderley, *O dualismo na Teologia Cristã: a deformação da antropologia bíblica e suas conseqüências*. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.

SPIDLÍK, T. *Corpo*. In: BARADINO, Angelo Di (Org.) *Dicionário patrístico e de antiguidade cristãs*. Petrópolis: Vozes, 2002.

ZABATIERO, Júlio. *Para uma Teologia Pública*. 2ª ed. São Paulo: Fonte Editorial/Faculdade Unida, 2011.

ZABATIERO, Júlio P.T. et alii. *Teologia sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 2006, cap. 2.